

Apresentação

Abre o presente volume, dedicado à poesia em tradução, o artigo delicado de Tânia Regina Vieira e Ofir Bergemann de Aguiar sobre a tradução de alguns poemas do *Livro das ignoranças* de Manoel de Barros para o espanhol, para o inglês e para o francês. O acompanhamento das estratégias tradutórias levará ao acompanhamento da própria estratégia poética, como lembram as autoras.

Marcus de Martini e Lawrence Flores, por sua vez, apresentam tradução inédita da série de sonetos religiosos *La Corona*, de John Donne, traduzida no Brasil anteriormente por Afonso Félix de Sousa, em 1983. A obra do poeta inglês John Donne (1572-1631), mais conhecida no Brasil a partir dos poemas amorosos traduzidos por Augusto de Campos, faz uso contínuo de estruturas argumentativas originárias da retórica, da dialética jurídica e da teologia, o que torna ainda mais complexo o processo de tradução.

Em “Grimório: a tradução nos limites de ‘Prosa’”, Álvaro Faleiros apresenta cuidadosa pesquisa semântica do termo “*grimoire*” para evidenciar sua importância na concepção de linguagem de Mallarmé, o que antecede sua própria sugestão de tradução do termo no poema “Prosa”, tradução essa que reitera as hipóteses semânticas e etimológicas levantadas ao longo do artigo.

Já Pedro Falleiros Heise dá notícia de um dos maiores divulgadores da poesia italiana entre nós, o italiano radicado no Brasil Luiz Vicente De Simoni. Em 1842 e 1843, no Brasil, foram publicados, respectivamente, os *Gemidos poéticos sobre os tómulos* e o *Ramalhete poético do parnaso italiano*, obras de tradução realizadas por Simoni, nas quais se podem identificar, principalmente nos prefácios, reflexões relevantes sobre a teoria e a prática da tradução. O tradutor delineia o conceito de “fidelidade”, termo caro às discussões sobre tradução de sua época, contrapondo-se à corrente francesa das *belles infidèles*. A esse conceito, acrescenta o “gosto”, cuja presença é essencial em seu próprio trabalho tradutório.

Em registro diferente, Telma Franco Diniz Abud, motivada pela eterna aporia da traduzibilidade de poemas, apresenta-nos a tradução “*cuté*” para o “Poeminho do contra”, de Mário Quintana, tradução essa apontada como a melhor entre as apresentadas em um concurso veiculado na internet. A solução encontrada pela tradutora inglesa Sarah Rebecca Kersley surpreende pela criatividade e inteligência lingüística.

Surpreendente também é o objeto do artigo de Gerson Luís Pomari, uma faceta pouco conhecida do poeta Olavo Bilac como tradutor de histórias infantis. Em 1901, Bilac traduziu direto do alemão as aventuras de Max e Moritz, de Wilhelm Busch, publicadas no Brasil sob o título *Juca e Chico – História de dois meninos em sete travessuras*. Pomari nos apresenta um tradutor atento à relação entre palavra e imagem,

característica vital na obra de Wilhelm Busch, um dos primeiros a promover a aproximação entre os dois códigos, cuja fusão só ocorreria mais tarde com o advento da história em quadrinhos.

Beatriz Bastos, por sua vez, empreende esforço teórico e conjuga as noções de presença, performance e função poética ao processo tradutório, enfatizando a polarização entre o aspecto “material” e o “hermenêutico” da tradução de poesia.

A seguir, Charles Bicalho discute algumas traduções apresentadas por professores maxakali, indígenas que habitam o Vale do Mucuri no nordeste de Minas Gerais. Cantos sagrados maxakali são traduzidos ao português, assim como letras de canções populares brasileiras são traduzidas ao maxakali, evidenciando-se as estratégias lingüísticas desenvolvidas no âmbito desse programa governamental da criação e desenvolvimento de escolas indígenas.

Por fim, Ricardo Carvalho oferece-nos um instantâneo de um poeta em sua atividade de tradução, focalizando as traduções de João Cabral da poesia catalã, publicadas na Revista Brasileira de Poesia, em 1949. Carvalho relaciona a atividade da tradução ao itinerário poético de João Cabral, em um momento em que ele não escrevia poemas seus.

Completa-se, assim, essa bela amostra de trabalhos de pesquisadores que não fogem ao embate proposto pela tradução poética/de poesia e prolongam as conseqüências da atitude tradutória para a própria instituição da literatura. Com esta edição, a Revista de Letras acredita ter, mais uma vez, oferecido ao público a oportunidade de conhecer uma amostra significativa da pesquisa em letras e literatura no Brasil, agora sob o viés da tradução.

Os editores agradecem mais uma vez àqueles que tornaram possível esta edição: o CNPq, a ProPe UNESP, os funcionários da Biblioteca e do Laboratório Editorial da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP Araraquara, expressando ainda nosso agradecimento especial a Ana Paula Meneses Alves, Ana Cristina Jorge e Mauricio Salera, assim como a Amanda de Oliveira, estagiária da Revista de Letras.

Araraquara, junho de 2009

Os editores